



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III- GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - INGLÊS**

**GISLAINNY MOURA DE SOUZA**

**RETRATO DA INFÂNCIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE *OLIVER TWIST* DE CHARLES DICKENS E DE *JANE EYRE* DE  
CHARLOTTE BRONTË**

**GUARABIRA  
2025**

GISLAINNY MOURA DE SOUZA

**RETRATO DA INFÂNCIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE *OLIVER TWIST* DE CHARLES DICKENS E DE *JANE EYRE* DE  
CHARLOTTE BRONTË**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras-Inglês.

**Área de concentração:** Literatura Comparada.

**Orientador:** Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto.

**GUARABIRA  
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729r Souza, Gislainny Moura de.  
Retrato da infância na literatura [manuscrito] : uma análise comparativa entre "Oliver Twist" de Charles Dickens e de "Jane Eyre" de Charlotte Brontë / Gislainny Moura de Souza. - 2025.  
29 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto, Departamento de Letras - CH".

1. Infância. 2. Era vitoriana. 3. Literatura comparada. I. Título

21. ed. CDD 809.4

GISLAINNY MOURA DE SOUZA

RETRATO DA INFÂNCIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE OLIVER TWIST DE CHARLES DICKENS E DE JANE EYRE DE  
CHARLOTTE BRONTË

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso  
de Letras Inglês da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras

Aprovada em: 04/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Aline Oliveira do Nascimento** (\*\*\*.347.454-\*\*), em **30/06/2025 16:19:11** com chave **1a5e19da55e711f0939b06adb0a3afce**.
- **Mariane dos Santos Monteiro Duarte** (\*\*\*.302.484-\*\*), em **30/06/2025 22:45:05** com chave **03477a12561d11f0b2f51a7cc27eb1f9**.
- **Waldir Kennedy Nunes Calixto** (\*\*\*.142.724-\*\*), em **30/06/2025 16:06:19** com chave **4e37f8b855e511f097e206adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 02/07/2025

**Código de Autenticação:** c15712



Ao meus pais, familiares e amigos, que sempre estiveram ao meu lado com palavras de incentivo, carinho e apoio incondicional.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto, pela orientação, paciência e dedicação durante todo o processo.

Estendo também minha gratidão a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória, contribuindo com seus ensinamentos e inspirações para minha formação acadêmica e pessoal, DEDICO.

“Eu não sou nenhum pássaro, e nenhuma rede me prende. Sou um ser humano livre com uma vontade independente” — Charlotte Brontë

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Madonna with Children (1864) .....	13
Figura 2 –	<i>The Red and the White Roses</i> (1865) .....	13

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	8
2	A ERA VITORIANA E UMA VISÃO SOBRE A “INFÂNCIA” .....	9
3	LITERATURA COMPARADA E UMA VISÃO TEÓRICA .....	14
4	<i>Oliver Twist</i> de Charles Dickens.....	15
4.1	<i>Jane Eyre</i> de Charlotte Brontë .....	16
5	METODOLOGIA.....	17
6	Entre Dickens e Brontë: A criança órfã como retrato de uma época.....	18
7	CONCLUSÃO .....	26
	REFERÊNCIAS .....	27

**RETRATO DA INFÂNCIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE *OLIVER TWIST* DE CHARLES DICKENS E DE *JANE EYRE* DE  
CHARLOTTE BRONTË**

Gislainny Moura de Souza\*

**RESUMO**

Durante a Era Vitoriana (1819-1901) a infância começou a ser reconhecida como etapa distinta do desenvolvimento humano, embora marcada por desigualdades sociais. A literatura do período refletiu essas tensões ao retratar as experiências e sofrimentos infantis. Este trabalho propõe uma análise comparativa da representação da infância na literatura vitoriana em duas obras de formação: *Oliver Twist* de Charles Dickens e de *Jane Eyre* de Charlotte Brontë, mediante a análise das respectivas narrativas e linguagem na construção dos protagonistas nas obras selecionadas. Parte-se da hipótese de que ambas as obras utilizam personagens infantis para denunciar injustiças e desconstruir a imagem passiva da infância, destacando formas de resistência moral diante da opressão. Com esta finalidade, utilizamos uma abordagem qualitativa de caráter exploratório por meio de estudos bibliográficos. Para isso, recorreremos as análises de Carvalhal (2006) e Nitrini (1997), sobre literatura comparada, Fritsch e Maggio (2018), que fundamentam o contexto da Era Vitoriana, além de Ariés (1981) e Ribas (2010), que ressaltam as representações das normas sociais e condições de vida daquela época. Observa-se que, apesar das diferenças estilísticas e estruturais entre os romances, ambos se aproximam ao retratar criticamente as condições sociais enfrentadas por crianças na sociedade vitoriana. Com este estudo, almeja-se ampliar a visão sobre como a infância é retratada nas obras, destacando temas recorrentes e questões sociais, apresentando semelhanças e diferenças. Pretende-se, assim, oferecer uma contribuição a respeito da temática e complexidades da sociedade vitoriana sobre as experiências infantis e o papel da literatura como reflexo e crítica social.

**Palavras-Chave:** Infância; Era Vitoriana; Literatura Comparada.

**ABSTRACT**

During the Victorian era (1819-1901) childhood began to be recognized as a distinct stage of human development, albeit one marked by social inequalities. The literature of the period reflected these tensions by portraying children's experiences and feelings. This paper proposes a comparative analysis of the representation of childhood in Victorian literature in two formative works: *Oliver Twist* by Charles Dickens and *Jane Eyre* by Charlotte Brontë, by analyzing the narrative perspectives and language in the construction of the protagonists in the selected works. The hypothesis is that both works use child characters to denounce injustice and deconstruct the passive image of childhood, highlighting forms of moral resistance in the face of oppression. To this end, we use a qualitative, exploratory approach

---

\* Graduanda do Curso de Letras-Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7628381473938472>

through bibliographical studies. To do this, we used the analyses of Carvalhal (2006) and Nitrini (1997), on comparative literature, Fritsch and Maggio (2018), who base the context of the Victorian Era and also Ariés (1981) and Ribas (2010), who highlight the representations of social norms and living conditions at that time. It can be seen that, despite the stylistic and structural differences between the novels, both come close to critically portraying the social conditions faced by children in Victorian society. The aim of this study is to broaden the view of how childhood is portrayed in the works, highlighting recurring themes and social issues, presenting similarities and differences. The aim is to make a contribution to the themes and complexities of Victorian society in relation to children's experiences and the role of literature as a reflection and social critic.

**Keywords:** Childhood; Victorian era; Comparative Literature.

## 1 INTRODUÇÃO

A Era Vitoriana, conhecida pelo reinado da Rainha Vitória no Reino Unido entre 1819 e 1901, foi um período de transformações como os avanços industriais devido à Revolução Industrial impulsionando o país para a vanguarda da produção e tecnologia com o surgimento das fábricas e urbanização em massa. De acordo com Fritsch e Maggio (2018, p. 1): “com os meios de produção encontrando formas de fazer mais em menos tempo, as fábricas vão-se enchendo de máquinas e de novos trabalhadores, e isso inclui as baratas mãos de obra feminina e infantil”. Dessa forma, foi um período de mudanças na sociedade inglesa e mundial que juntamente, com o crescimento econômico e desordenado das cidades, resultou na exposição da disparidade social existente em relação às condições de vida desumanas para muitos trabalhadores.

Contudo, as artes floresciam e muitas delas se valiam dos avanços e retrocessos do período para fazer duras críticas ao crescimento desenfreado daquele tempo. No contexto literário, escritores retrataram o contexto da época em suas obras, como Oscar Wilde, Charles Dickens e Charlotte Brontë. Esses autores, embora apresentem estilos distintos, destacam e visibilizam os desafios sociais no período da Revolução Industrial. Charlotte Brontë, é uma autora que aborda a infância de forma introspectiva e pessoal, destacando as dificuldades enfrentadas por órfãos e jovens em instituições rigorosas, ao mesmo tempo em que expõe questões de gênero, classe e opressão. Em contrapartida, Charles Dickens, respalda uma perspectiva realista e direta, denunciando o trabalho infantil, as condições precárias dos *Workhouses* (casas de trabalho) e o impacto desumano da industrialização nas crianças e na sociedade em geral.

A literatura Vitoriana, conhecida por suas narrativas que se tornaram populares e, segundo os autores Ariès (1981) e Ribas (2010), abordam temas sociais e morais diversos, com destaque para obras como *Oliver Twist* de Charles Dickens e *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. Ambas as obras, refletem as visões prevalentes sobre a infância e dificuldades encontradas pela sociedade da época. De acordo com Philippe Ariès (1981), em sua obra *História Social da Criança e da Família*, a criança era vista como um bebê, um ser frágil, e ao crescer passava a ser “miniadulto”, pois não tinha uma distinção de termos como existem na contemporaneidade, além do convívio com pessoas adultas começavam a agir e ser tratadas como tais, com longas jornadas de trabalho nas fábricas e tarefas de alto

risco, encontrados em situações de extrema pobreza pela ausência de saneamento básico, o que resultava em uma alta taxa de mortalidade infantil. Dessa forma, observaremos que ambas as obras oferecem reflexões sobre as condições daquela sociedade e questões sociais como pobreza, desigualdade e injustiça, especialmente em relação às experiências de infância em situações desfavoráveis.

Considerando o contexto apresentado, propomos a seguinte questão de pesquisa: Como as representações sociais da infância na era vitoriana são abordadas nas obras de *Oliver Twist* de Charles Dickens e *Jane Eyre* de Charlotte Brontë? A escolha das obras utilizadas como objeto de estudo, justifica-se pela representação da infância como um período marcado pela vulnerabilidade, no qual as crianças são frequentemente retratadas como vítimas das condições de pobreza, desigualdade e injustiça social. Assim, o conceito de criança como sujeito de direitos e cuidados específicos teve seu reconhecimento de forma gradual e desigual que se iniciou com debates sobre a educação, proteção social e desenvolvimento infantil entre os séculos XVIII e XIX, que passou a ser considerada uma etapa fundamental da vida humana.

A pobreza é representada nos protagonistas dos romances, *Oliver Twist* e *Jane Eyre*, que passam a morar em ambientes de extrema pobreza desde o seu nascimento. Em *Oliver Twist*, o personagem principal é um órfão que nasceu em condições precárias e é levado para viver em um orfanato, o qual é descrito a severidade da pobreza enfrentada pelas crianças envolvendo a ausência de saneamento básico, forçado a trabalhar desde cedo com alimentação inadequada com suas vestes insuficientes e tratado de forma desumana pelas pessoas que deveriam cuidar e promover afeto.

A partir dessa perspectiva, este artigo tem como objetivo investigar a infância no século XIX, explorando como são representadas nas obras de *Oliver Twist* de Charles Dickens e *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. Por conseguinte, de forma mais específica por meio de uma abordagem comparatista, busca-se analisar as experiências e condições de vida dos personagens infantis em relação às instituições sociais da época. Por fim, almeja-se apresentar temas centrais em ambas as obras, como as reflexões sobre as condições da sociedade vitoriana e questões relacionadas à pobreza, desigualdade e injustiça, com ênfase nas experiências de infância em contextos desfavoráveis. Nesse sentido, exploraremos o personagem *Oliver Twist* e sua dinâmica com Mr. Bumble (Bedel) e Mrs. Mann; Fagin e sua gangue (Jack Dawkins, Charley Bates, Bill Sikes e Monks) e o Mr. Brownlow para o romance de Charles Dickens; e para o romance de Charlotte Brontë aprofundaremos a personagem de *Jane Eyre*; e sua relação com os personagens Mrs Reed e seus filhos (Jonh Reed, Eliza Reed e Georgiana Reed); Mr Brocklehurst e Miss Scatcherd e Miss Maria Temple.

Além disso, o estudo aborda um contexto histórico-social identificado nos primeiros capítulos até o décimo terceiro para o romance *Oliver Twist*, e até o décimo para o romance *Jane Eyre* com o desenvolvimento dos personagens nos estágios iniciais da vida. A escolha dos capítulos representa o período da infância dos protagonistas que dialogam com o contexto histórico e social da época.

O fundamento teórico desta pesquisa é alicerçado em uma revisão da literatura acadêmica que integra estudos vitorianos, literatura comparada e questões sociais relacionadas à infância. Para a contextualização histórica e cultural da Era Vitoriana, apresentada na introdução deste trabalho, recorreremos às contribuições de Fritsch e Maggio (2018), que oferecem uma análise detalhada sobre os aspectos sociais e institucionais do período. No desenvolvimento teórico, voltado ao campo da

literatura comparada, os trabalhos de Carvalhal (2006) e Nitrini (1997) foram fundamentais para estabelecer as bases metodológicas que sustentam a análise das relações intertextuais e culturais entre as obras. Por fim, na discussão sobre as representações sociais da infância, presente na análise interpretativa, utilizamos as obras de Ariès (1981) e Ribas (2010), que examinam a construção histórica da infância e suas manifestações literárias e sociais em diferentes períodos. Esses apostes teóricos permitiram desenvolver uma abordagem crítica que contribui para os estudos literários vitorianos e comparativos no Brasil.

## **2 A ERA VITORIANA E UMA VISÃO SOBRE A “INFÂNCIA”**

A Era Vitoriana, um período conhecido pelo reinado da Rainha Vitória, que governou o Reino Unido entre 1819 e 1901. Consoante, esse fato histórico a Inglaterra se destacou por grandes mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, sendo assim marcado pela Revolução Industrial em virtude da expansão do Império Britânico, com o crescimento da população urbana e por uma rígida moralidade vitoriana, que visava a disciplina e o trabalho árduo. Conseqüentemente, com o progresso e por meio das máquinas que permitiram a produção em larga escala de bens manufaturados como têxteis, ferro e aço, a Era Vitoriana foi marcada por desigualdades sociais e condições precárias de trabalho para a classe operária que eram sujeitos a longas jornadas de trabalho, baixos salários e exploração infantil enquanto a elite prosperava de riqueza e poder. Além disso, como forma de enunciar críticas e reflexões, a literatura vitoriana desempenhou um papel importante denunciando através de narrativas as injustiças sociais e os desafios enfrentados pela classe trabalhadora.

Além disso, com as transformações econômicas e políticas, a sociedade vitoriana passou por uma reconfiguração de valores sociais, marcada por uma moral rígida, forte religiosidade e uma divisão de classes definida. O avanço da urbanização e o crescimento das cidades industriais intensificaram a pobreza e a exclusão social, afetando principalmente os grupos mais vulneráveis. Nesse cenário, emergiram debates sobre reformas sociais, como o acesso à educação e as condições de trabalho, temas que exerceram influência direta sobre a produção literária do período. Desse modo, a literatura tornou-se um importante espaço de crítica às desigualdades, antecipando reflexões mais específicas, como a situação da infância negligenciada e explorada.

Nessa ótica, podemos observar em *Oliver Twist* (1838), de Charles Dickens e *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë que são vistas como obras importantes da literatura inglesa e que refletem a realidade social daquele período, apesar de possuírem enfoques distintos, por terem perspectivas e estilos diferentes, mas que se tornam-se complementares para o entendimento das representações histórico-sociais da Era Vitoriana. Ambas as narrativas apresentam aspectos centrais abordando questões sociais, pobreza, moralidade e o papel das crianças e mulheres na sociedade que representam as dificuldades enfrentadas pelos mais vulneráveis, principalmente as crianças, e que desafiam as normas sociais vigentes.

Nesse sentido, tendo em vista que ao analisar ambas as narrativas, percebemos que retomar o panorama da Era Vitoriana é importante para compreendermos as críticas e os impactos que provocaram na estrutura do período. Nas sociedades antigas, não existia uma concepção distinta de infância, ou seja, as crianças eram inseridas como um ser adulto que compartilhava das mesmas responsabilidades e tarefas, como por exemplo o trabalho. Nesse sentido, Ariès

(1981) destaca em sua obra *História Social da criança do século XIX*, que nas sociedades tradicionais a criança era vista como um miniadulto:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia baster-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude (Ariès, 1981, p. 10).

Consoante ao que foi mencionado, as crianças mais pobres não tinham um espaço dedicado ao desenvolvimento infantil e a atenção direcionada era mínima, o que refletia a realidade na qual as taxas de mortalidade eram elevadas, o que contribuía para a desvinculação emocional entre pais para com seus bebês, pois não tinham certeza da sobrevivência da criança. Além disso, as relações interpessoais também eram marcadas por desconfiança e hostilidade, tornando o afeto algo raro e de difícil acesso dentro das dinâmicas sociais da época. Por meio disso, o tratamento e cuidado destinados às crianças muitas vezes eram marcados por negligência e práticas punitivas, especialmente nas fábricas, sua sobrevivência não era prioridade e sim o trabalho, que podiam executar algo que um adulto não conseguiria com facilidade.

Na Era Vitoriana, a infância foi marcada por condições adversas, sobretudo para crianças das classes trabalhadoras. Em virtude disso, o trabalho infantil era uma prática frequente e profundamente enraizada na sociedade da época, com crianças empregadas em fábricas, minas de carvão e até mesmo nas ruas, submetidas a jornadas de trabalho exaustivas e condições insalubres. Nas fábricas, as crianças eram expostas continuamente a ambientes perigosos que resultava em acidentes graves, como mutilações causadas por máquinas industriais, além de doenças decorrentes do esforço excessivo e da inalação de substâncias tóxicas. Por esse motivo, muitas crianças não resistiam às condições extremas e faleciam prematuramente. Além disso, a contribuição para que esses fatores ocorressem foi a falta de infraestrutura adequada que favorecia a propagação de epidemias como cólera e tuberculose, doenças que levavam à morte antes dos cinco anos de idade.

Diante desse cenário, Engels (2010 *apud* Seixas, 2024, p. 3) descreve as precárias condições de vida da classe trabalhadora durante a Revolução Industrial, evidenciando a falta de instrutura e a insalubridades dos espaços urbanos:

As casas são velhas, sujas e do tipo mais exiguo; as ruas, irregulares e nem todas pavimentadas, não são niveladas nem há rede de esgoto; imundície e lama, em meio as poças nauseabundas, estão por toda parte; daí a atmosfera, já enegrecida pela fumaça de uma dúzia de chaminés de fábricas, ser empestada. Vagueiam aí mulheres e crianças esfarrapadas, tão sujas como os porcos que chafurdam na imundície e na lama (Engels, 2010, p. 102).

Desse modo, outro fator determinante era a pobreza, órfãos e filhos de famílias pobres viviam em favelas insalubres, onde eram expostos à fome, ao frio e a doenças contagiosas. Em muitos casos, aqueles sem apoio familiar eram enviados para os orfanatos ou para as chamadas *Workhouses*, instituições criadas para abrigar e discipliná-los. No entanto, esses locais não prestavam assistência e essas crianças viviam em situação de maus-tratos e exploração, submetendo a abusos físicos e psicológicos. A combinação desses fatores resultavam em uma baixa

expectativa de vida para a população infantil, reforçando a vulnerabilidade desse grupo social.

Embora a educação infantil começasse a ser reconhecida como um direito fundamental, seu acesso ainda era restrito às camadas menos favorecidas, enquanto as famílias pertencentes à elite contavam com recursos para contratar preceptores particulares, garantindo aos seus filhos uma formação inicial no ambiente doméstico. Para as crianças de operários, muitas eram obrigadas a abandonar os estudos para contribuir com a renda familiar, o que perpetuava o ciclo de pobreza e exploração. Com o final do século XIX, com a implementação de reformas educacionais, a escolarização começou a ser gradualmente expandida para todas as classes, marcando uma mudança significativa na área educacional e na proteção dos direitos das crianças modificando a concepção sobre o papel da infância na sociedade.

Com base nessas transformações, a literatura e a arte vitorianas desempenharam um papel importante na construção da imagem da infância e na denúncia dos problemas sociais enfrentados pelas crianças. Nesse sentido, escritores e artistas utilizaram suas obras para representar tanto a vulnerabilidade quanto a resiliência infantil, contribuindo para a um novo olhar sobre essa fase da vida. Na literatura, autores como Charles Dickens trouxeram à tona o sofrimento das crianças pobres, expostas a condições precárias e de exploração. De forma semelhante, Charlotte Brontë, retrata a dura realidade de crianças enviadas a internatos rigorosos, onde sofriam punições severas e eram privadas de afeto e conforto.

Em outra ótica, o escritor Lewis Carroll, explorou um lado mais lúdico da infância, enfatizando a imaginação e curiosidade infantil, refletindo a visão da criança como um símbolo de inocência e fantasia, como por exemplo em sua obra *Alice no País das Maravilhas* (1865). Pode-se incluir que essa concepção da infância enquanto um ser mais inocente é algo recente na história social e educacional, no qual a fantasia, a imaginação, o brincar e a sensibilidade desempenham papéis fundamentais na formação cognitiva, emocional e social do indivíduo que influenciou diretamente nas práticas pedagógicas, nos discursos e produções literárias, contribuindo para um novo olhar do termo infância.

Na arte vitoriana, a fotografia remeteu uma construção da imagem da infância, Julia Margaret Cameron, uma das pioneiras da fotografia artística, apresentou em seus retratos a noção mais romântica da infância como um período de pureza e graça como podemos observar nas figuras 1 e 2.

**Figura 1-** *Madonna with Children* (1864)



Fonte: CAMERON, Julia Margaret. *Madonna with Children* (1864). Fotografia.

**Figura 2-** *The Red and the White Roses* (1865)



Fonte: CAMERON, Julia Margaret. *The Red the White Roses*, 1865. Fotografia.

Dessa forma, podemos perceber que a literatura e arte auxiliaram a moldar a percepção moderna da infância, ao mesmo tempo que denunciaram as injustiças da sociedade vitoriana. A representação de meios e visões diferentes contribuíram tanto na busca por sensibilizar o público para a realidade enfrentada por muitas crianças, como também na formação de um imaginário mais romântico e idealizado da infância que promoveram debates sociais e legislativos, contribuindo para o desenvolvimento de políticas voltadas para a proteção e expansão do direito à educação no final do século XIX. Sob essa perspectiva, Philippe Ariès (1981) destaca que a infância moderna foi socialmente construída a partir do século XVII, com o fortalecimento da burocracia e o avanço de discursos pedagógicos a respeito da criança que passou a ser vista como um ser puro, naturalmente bom e em processo de formação moral e intelectual.

Além disso, é importante ressaltar a contribuição do filósofo Jean-Jacques Rousseau, na obra *Emílio, ou Da Educação* (1762), o qual defende que a criança deve ser educada em harmonia com sua natureza, respeitando seu tempo e sua curiosidade. Tais conceitos, foram atribuídos para preservar e valorizar a infância, em que a inocência e a imaginação devem ser estimulados como parte do desenvolvimento humano.

Essas ideias influenciaram as concepções pedagógicas e foram, assim, adotadas e desenvolvidas por educadores como Pestalozzi, Fröbel e Montessori, que propuseram práticas voltadas à formação integral da criança. Na Era Vitoriana, embora o contexto social fosse marcado por desigualdades e pela exploração do trabalho infantil, as ideias rousseauianas ofereceram uma visão alternativa, que repercutiu na produção literária. Desse modo, autores como Dickens e Brontë, ainda que não adotassem diretamente os princípios de Rousseau, retrataram a infância como uma etapa vulnerável, e ao mesmo tempo, com um potencial transformador, revelando a tensão entre os ideais educativos e as práticas sociais da época.

Dessa forma, abordaremos a seguir aspectos relevantes da literatura comparada, com o intuito de compreender suas bases teóricas e sua importância para a análise crítica de obras literárias inseridas em diferentes contextos, permitindo identificar diálogos, contrastes e influências entre textos de distintas tradições culturais.

### 3 LITERATURA COMPARADA E UMA VISÃO TEÓRICA

A origem da Literatura Comparada está intrinsecamente ligada ao contexto intelectual do século XIX, uma época marcada por uma visão de mundo mais cosmopolita e por uma valorização crescente da comparação como método de investigação, tanto nas ciências culturais quanto na análise dos contextos históricos. De acordo com Nitrini (2010), embora a comparação não seja uma exclusividade da Literatura Comparada, ela se torna uma característica distintiva quando empregada de forma sistemática, crítica e interdisciplinar, possibilitando interpretações mais amplas sobre o papel da literatura na cultura. Essa prática refletia uma tendência de sistematizar o conhecimento por meio da observação de paralelos, contribuindo assim para a consolidação da Literatura Comparada enquanto um campo acadêmico próprio e bem estruturado.

Além disso, pode ser definida como um campo de estudo que investiga as relações entre diferentes textos literários, considerando aspectos como o contexto histórico, cultural, social, filosófico e estilístico. Conforme Sandra Nitrini (2010), a Literatura Comparada se consolidou como uma disciplina que não apenas estabelece diálogos entre obras, mas também considera os contextos históricos, sociais e culturais nos quais foram produzidas. Nesse sentido, a análise comparativa ultrapassa a identificação de semelhanças e diferenças, pois busca compreender os significados de como os textos são construídos em relação uns aos outros e serve como uma ferramenta para ampliar a leitura crítica da literatura, incentivando o leitor a perceber como diferentes culturas se manifestam por meio da arte literária e como esses discursos se cruzam, se transformam ou se opõem, além da sua funcionalidade estar ligada à formação de uma consciência intercultural e à valorização da diversidade no campo literário.

Considerando esse panorama, a abordagem comparatista destaca-se também por seu caráter interdisciplinar, possibilitando um diálogo enriquecedor entre diversas culturas, linguagens e formas de expressão. Assim, o seu alcance vai além da análise entre obras literárias, pois permite compreender como a literatura pode se relacionar com outras áreas da experiência humana, como filosofia, história, arte e política. Essa abrangência é fundamental para estudos que investigam a literatura não apenas como uma manifestação estética, mas como um espelho das relações sociais e culturais complexas de seu período. Nesse sentido, Carvalho (2006, p. 9) reforça essa visão ao afirmar que a Literatura Comparada consiste na “comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana”.

Assim, o objetivo do estudo comparatista não se limita a identificar paralelismos temáticos ou formais, mas construir uma leitura crítica e relacionar textos, revelando como diferentes tradições literárias se cruzam, se justapõem ou se complementam na representação de experiências humanas universais. Como enfatiza Nitrini (2010), a comparação deve ser feita com rigor teórico e metodológico, saindo da superficialidade e buscando compreender as redes de significação que ligam os textos, seus contextos e suas recepções. Essa perspectiva transforma a comparação em um instrumento analítico essencial para a interpretação literária. A interdisciplinaridade, portanto, expande a compreensão do texto literário e valoriza o seu papel como espaço de encontro entre saberes, culturas e visões de mundo diversas.

Segundo Tânia Carvalhal (2006), a comparação literária pode ocorrer em diferentes níveis, sendo assim, pode apresentar influência direta entre textos até a maneira como determinadas obras refletem ou contestam valores de seu período. Dessa forma, ao analisar as obras de Charles Dickens, *Oliver Twist*, e de Charlotte Brontë, *Jane Eyre*, é possível perceber como ambos os romances retratam a temática central da infância na Era Vitoriana, mas sob perspectivas distintas. Através da abordagem comparativa podemos compreender as especificidades de cada narrativa e as críticas sociais implícitas em suas representações.

Nesse contexto, a teoria da intertextualidade, desenvolvida por Júlia Kristeva (1974), contribui de maneira significativa ao evidenciar que nenhum material escrito é completamente original ou isolado. Para a autora, essa produção textual se constitui por meio da interação com outros textos, formando-se como um “mosaico de citações”, no qual distintos discursos sociais, históricos e culturais são assimilados, transformados e reinterpretados. Essa concepção rompe com a noção de autoria como criação autônoma e absoluta, propondo, em vez disso, uma visão do texto como um espaço de cruzamento de vozes e influências múltiplas.

Sob esse viés, a intertextualidade possibilita uma compreensão da literatura como parte integrante de uma vasta rede de significados, em que as narrativas dialogam entre si e com o ambiente em que foram produzidas. Em romances emblemáticos como *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, e *Oliver Twist*, de Charles Dickens, essa perspectiva se revela claramente à medida que, apesar de diferenças na estrutura e no foco, ambas abordam temas centrais como a repressão institucional, a infância marginalizada e a crítica à moral vitoriana. Tais elementos demonstram como ambas as obras se alimentam de discursos sociais comuns, permitindo ao leitor identificar ecos, contrapontos e afinidades entre elas, um exemplo de como a intertextualidade se manifesta como um fenômeno de caráter literário e cultural.

A partir disso, o próximo tópico será dedicado à apresentação das obras *Oliver Twist*, de Charles Dickens, e *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, com o objetivo de contextualizar suas principais temáticas e características, estabelecendo pontos de diálogo que servirão de base para análise comparativa proposta.

#### **4. *Oliver Twist* de Charles Dickens**

*Oliver Twist* é um romance social que se passa na Inglaterra, no século XIX, que denuncia a exploração infantil e as injustiças da sociedade vitoriana. A obra inicia com uma jovem mulher exausta que bate à porta de um reformatório de província no meio da noite, dá à luz a um bebê e morre. Na ausência de identificação de ambos, o recém-nascido é chamado de Oliver Twist, pelo Sr. Bumble, o negligente bedel da paróquia. Logo em seguida, é enviado para os cuidados da Sr. Corney e a alcoólatra Sra. Mann no orfanato da escola, onde é criado sob condições de extrema negligência e abuso como, por exemplo, na alimentação e em suas vestimentas.

Aos nove anos de idade, Oliver é transferido para o reformatório e começa a trabalhar. Na hora do jantar, as crianças ainda estavam com fome e fizeram um sorteio de quem poderia pedir mais um pouco de mingau, como resultado, Oliver foi o encarregado e é severamente punido pelo Bedel que o coloca para trabalhar limpando chaminés aos cuidados da família Sowerberry.

Ao sofrer maus-tratos, Oliver foge para Londres, onde foi recebido por uma gangue de ladrões liberada por Fagin, um criminoso que treina crianças para

cometer furtos. Oliver demonstrava uma personalidade genuinamente inocente e bondosa, o que o impedia de perceber com clareza as reais intenções de Fagin, revelando outra visão da criança.

A reviravolta da narrativa acontece quando Oliver descobre que é herdeiro de uma fortuna, sendo vítima das conspirações de Monks, seu meio-irmão, que tenta deslegitimá-lo para se apropriar da herança. Com a revelação de sua origem, a punição dos criminosos e o acolhimento de Oliver pelo Sr. Brownlow (um homem bondoso que o acolhe) culminam em um desfecho que reforça as críticas de Dickens às condições degradantes dos pobres e às falhas do sistema de assistência social da época.

Para análise comparativa, alguns personagens foram selecionados por seu impacto na formação do protagonista e por representar diferentes aspectos na sociedade vitoriana na obra de *Oliver Twist* como: o protagonista, Oliver Twist, o Bedel da paróquia, Sr. Bumble, a cuidadora do orfanato, Mrs. Mann, Fagin e sua gangue de ladrões (Kins, Bates, Sikes e Monks).

Dessa forma, no tópico a seguir, apresentaremos a obra *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, com o intuito de oferecer uma visão geral da narrativa e destacar aspectos relevantes para a compreensão de sua importância literária e histórica.

#### 4.1 *Jane Eyre* de Charlotte Brontë

O romance é considerado do gênero *Bildungsroman*<sup>1</sup>, ou seja, “romances de formação”, a narrativa se desenvolve mostrando a trajetória da protagonista em diferentes fases da vida, assim sendo, a história acontece desde sua infância até sua vida adulta ocorrendo transformações dentro da própria personagem, que passa por um processo de fortalecimento de seus valores morais. Além disso, aborda diversos temas da época vitoriana, compostos pelas críticas sociais envolvendo a condição da mulher, que lutavam por igualdade e reconhecimento, como as relações do papel de gênero, classe e à natureza do amor e do casamento, educação e religiosidade.

Jane Eyre, uma órfã de dez anos, selvagem e desobediente, assim era descrita e caracterizada pela sua tia Mrs. Reed, a qual morava com ela e seus primos na mansão de Gateshead Hall, John Reed, Eliza Reed e Georgiana Reed, que os tratavam com inferioridade e era frequentemente punida injustamente. A partir disso, após uma discussão violenta com seu primo John, a menina é trancada no “quarto vermelho”, onde seu tio faleceu e sofre uma experiência traumática e a faz adoecer. Jane é enviada para a escola de *Lowood*, uma instituição de caridade, que apresentava ser rigorosa e de condições precárias para suas alunas, com quartos frios, refeições escassas e vestimentas insuficientes.

O Mr. Brocklehurst ao visitar à escola, reforça as acusações feitas pela tia de Jane como uma criança má e mentirosa expondo-a à humilhação diante as demais alunas, alertando que não seguissem o exemplo de Jane. A protagonista, no entanto, mesmo colocada de castigo, mantém sua dignidade e enfrenta a vergonha em silêncio, como mostra o seguinte trecho:

- Que ela permaneça mais meia hora nessa banquetta e que ninguém fale com ela pelo resto do dia.

---

<sup>1</sup> *Bildungsroman* é um termo alemão que designa um romance de formação, centrado no desenvolvimento psicológico, moral e social da protagonista desde a juventude até a vida adulta.

Lá estava eu, então, erguida; eu, que dissera que não suportaria a vergonha de ficar em pé no meio da sala, estava exposta à visão de todas em um pedestal de infâmia. Quais eram minhas sensações, nenhuma língua poderia descrever. Porém, assim que todas elas se ergueram, roubando meu fôlego e comprimindo minha garganta, uma garota aproximou-se e passou por mim, erguendo os olhos ao fazê-lo. Que luz estranha os inspirava! Que sensação extraordinária me atravessou à visão daquele raio! Como o sentimento desconhecido me deu forças! Era como se um mártir, um herói, tivesse passado por um escravo ou vítima e compartilhado sua força com ele. Controlei minha histeria crescente, ergui a cabeça e mantive-me firme na banquetta (Brontë, 2023, p. 110).

Depois desse ocorrido, Jane faz amizade com uma colega, Helen Burns, que apresentava ter pensamentos filosóficos a respeito da vida o que instiga a protagonista a se questionar sobre tudo a sua volta. Nos próximos momentos, *Lowood* passa por transformações significativas, devido o grande número de mortes dentro da instituição que chama atenção do público e denuncia a situação vivenciada pelas meninas sob comando do Sr. Brocklehurst. Jane consegue concluir sua formação com condições mais descentes do que o período anterior e decide oferecer seus serviços enquanto preceptora, logo recebe a resposta da Sra. Fairfax, que faz a proposta de ir morar em Thornfield Hall, uma mansão em que ela seria acolhida enquanto trabalharia com a instrução da jovem Adèle Varens, uma garotinha francesa que está sob proteção do sr. Rochester.

Durante sua estadia, estranhos acontecimentos noturnos revelam mistérios na mansão. Jane salva Rochester de um incêndio e, posteriormente, é pedida em casamento. No entanto, a cerimônia é interrompida pela revelação de que Rochester, já era casado com Bertha Mason, uma mulher indomável e selvagem que vive trancada no sótão. Abalada, Jane foge e encontra abrigo com a família Reed que após um período de reclusão e autoconhecimento, herda uma fortuna e recusa o pedido de casamento de John Rivers.

No entanto, Jane ainda decide voltar para Thornfield Hall, ao chegar descobre que houve um grande incêndio provocado pela sua esposa, e encontra o sr. Rochester cego e sem uma das mãos, que havia perdido ao tentar salvar as pessoas do fogo. Bertha Mason, durante o incêndio na mansão comete suicídio ao jogar-se da casa em chamas. É quando Jane decide casar-se com Edward, percebendo que não estava mais em uma condição de submissão e que agora nada impediria seu relacionamento.

De maneira comparativa com a obra de *Oliver Twist*, será utilizado os personagens do romance de *Jane Eyre*, a protagonista, Jane Eyre, a sua tia Mrs Reed e seus filhos (John, Eliza e Georgina Reed), o diretor da escola de Lowood Mr. Brocklehurst e Miss Scatcherd e sua professora amável Miss Temple. Esses personagens, refletem aspectos vitorianos, como diferenças de classe, condições dos órfãos na sociedade e de forma educacional, como também o papel da mulher, que são elementos percebidos que se assemelham a obra de *Oliver Twist* de Charles Dickens.

## 5 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa que segundo Lira (2014, p. 26), “busca a compreensão dos fenômenos e o modo de interpretá-los, não utilizando instrumentos estatísticos para o processo de análise de um problema de pesquisa [...], mas deseja-se entender, de modo bem mais descritivo, o fenômeno

social”. Nesse viés, a pesquisa está voltada para a identificação e análise de elementos como ambiente social, desenvolvimento de personagens e temas recorrentes relacionados à infância, além das representações das relações de poder e hierarquias sociais nas interações entre as crianças e as figuras de autoridade.

Esse estudo contrasta com o conceito contemporâneo de infância. Esta proposta se destina a pesquisadores e acadêmicos que se dedicam ao estudo da literatura vitoriana, da literatura comparada e de questões sociais relacionadas à infância no século XIX. Segundo Gil (2002, p. 44), propõe “à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas”. A partir disso, compreende-se que a presente abordagem possui um caráter exploratório, uma vez que busca reunir e examinar diferentes perspectivas sobre o objeto de estudo. Além disso, conforme ressalta o autor, “pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p. 41), o que reforça o uso do método a ser utilizado é predominantemente bibliográfico, fundamentado na análise textual das obras e, por sua natureza básica, visando à construção e ao amadurecimento teórico do tema abordado.

Dando continuidade, será realizada uma análise comparativa das obras *Oliver Twist*, de Charles Dickens, e *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, com a finalidade de evidenciar as semelhanças e contrastes entre os contextos sociais, as trajetórias dos protagonistas e as críticas sociais presentes nas narrativas.

## **6 Entre Dickens e Brontë: A criança órfã como retrato de uma época**

A representação da infância, enquanto categoria social, é uma construção recente. Nesse contexto, na Inglaterra Vitoriana, as instituições sociais como orfanatos, *Workhouses*, internatos e dispositivos legais como a Lei dos Pobres (*Poor Law*), passaram a regulamentar a assistência dessas populações. Embora fossem representativas não garantiam seus direitos. Assim, o discurso sobre os direitos das crianças ainda era incipiente e fragmentado, e a assistência prestada por órgãos públicos e religiosos revelava uma visão ambígua entre a caridade (amparo) e o controle social (punição).

Logo, a existência dessa lei não significava uma proteção propriamente dita, mas visava o controle da pobreza. Com a Reforma da Lei dos Pobres (1834), para as crianças era ainda mais rígida, as quais eram submetidas a trabalhos forçados, alimentação precária, negligência e repressão, desconsiderando a fase infantil, ao cuidado e à educação, direitos pelos quais foram reconhecidos posteriormente. Segundo Englander (1998), a legislação foi estruturada para tornar a assistência pública em último recurso, impondo condições deliberadamente duras nas *Workhouses*, inclusive para os menores, os quais passaram a ser tratados sob uma lógica disciplinadora que ignorava suas necessidades básicas e afetivas.

Nesse cenário, a infância vitoriana era compreendida como um período subordinado às exigências sociais e morais dos adultos, marcada por rigidez disciplinar e ausência de reconhecimento das necessidades próprias da criança. Entre as camadas mais pobres, predominava a inserção precoce no trabalho e a negligência afetiva, revelando uma visão funcionalista da infância, em que os menores eram valorizados não por sua condição de desenvolvimento, mas por uma utilidade prática dentro da estrutura social. Em contraposição, na contemporaneidade, a infância passou a ser reconhecida como uma categoria social como status próprio, sendo as crianças vistas como sujeitos de direitos, inseridas em

debates sociais e políticas públicas que buscam garantir sua proteção e bem-estar. Segundo Manuel Sarmiento (2009, p. 3):

A sociologia da Infância desenvolve-se contemporaneamente, em boa parte, por necessidade de compreensão do que é um dos mais importantes paradoxos actuais: nunca como hoje as crianças foram objeto de tantos cuidados e atenções e nunca como hoje a infância se apresentou como a geração onde se acumulam exponencialmente os indicadores de exclusão e de sofrimento.

Dessa forma, podemos refletir que, apesar dos avanços legais e conceituais no tratamento da infância, persistem desigualdades sociais que comprometem a efetivação desses direitos, revelando uma continuidade histórica dos desafios, embora sob configurações. Nesse sentido, questões como a pobreza, a violência, a exclusão educacional e a adultização precoce demonstram que muitas crianças seguem privadas de condições dignas para seu desenvolvimento integral. Assim, embora mais valorizada nos discursos jurídicos e sociais, a infância contemporânea ainda carece de garantias concretas que assegurem sua proteção e seu pleno reconhecimento na prática cotidiana.

Dando prosseguimento à abordagem, realiza-se uma análise comparativa das duas obras, com enfoque nas experiências de infância e abandono vivenciadas pelos protagonistas. Ao explorar esse eixo temático, busca-se compreender de que modo cada narrativa retrata os impactos sociais, emocionais e formativos dessas experiências.

Em ambas as obras, a infância é representada como um período de negligência, abandono e resistência. Em *Oliver Twist*, o protagonista nasce em um albergue de mendicância e desde o início é visto não como uma criança com direitos, mas como um peso para a sociedade: “uma pobre criança da paróquia, um órfão do albergue de mendicância, destinado às pancadas e aos maus-tratos, ao desprezo de toda a gente e ao carinho de ninguém” (Dickens, 2020, p. 6). A trajetória de Oliver reflete o abandono físico e institucionalizado, em que o personagem é inserido em um sistema que o reduz a um número, privando-o de identidade e cuidados.

De forma semelhante, *Jane Eyre* também retrata uma infância marcada pela exclusão e desprezo, embora sob uma perspectiva distinta. A personagem principal, mesmo com familiares vivos, é rejeitada emocionalmente por sua tia, Mrs. Reed, e maltratada pelos primos John, Eliza e Georgiana. A protagonista relata sua visão de si como um corpo estranho na sala de visitas entre os primos e sua tia, a qual parecia satisfeita por estar próxima dos seus filhos queridos, e enquanto para Jane dirige as seguintes palavras:

Ela me dispensara de juntar-me ao grupo, dizendo que “lamentava a necessidade de me manter distante, mas, até ouvir de Bessie e descobrir por observação própria que eu estava genuinamente me esforçando para desenvolver um temperamento mais sociável e adequado a uma criança, modos mais agradáveis e alegres – mais leves, francos, mais naturais, por assim dizer - seria obrigada a me excluir de privilégios reservados apenas a criancinhas contentes e felizes (Brontë, 2023, p. 27).

Podemos perceber, que os personagens vivenciam a ausência de afeto desde cedo, mas enfrentam realidades distintas: Oliver representa a criança órfã abandonada pelas instituições sociais, enquanto Jane simboliza aquela que, mesmo

inserida em uma estrutura familiar, é emocionalmente excluída e desvalorizada. Essa diferença marca o contraste entre o abandono físico vivenciado por Oliver, e o abandono afetivo sofrido por Jane.

Como mostra Seixas (2024), a literatura vitoriana exerceu forte papel da denúncia das condições degradantes a que as crianças pobres e órfãos estavam submetidas, revelando o fracasso moral das instituições públicas diante da infância. Dessa forma, os autores de ambas as obras revelam sua crítica ao seu modo, enquanto em *Oliver Twist* observamos uma crítica contundente à desumanização dos órfãos pelo sistema público da época, em *Jane Eyre* vai além ao afirmar a dignidade individual por meio da autonomia e força interior da protagonista, que busca seu lugar no mundo apesar da rejeição e das limitações impostas pela sociedade patriarcal da época.

Outra temática importante e que converge entre as obras é a violência física e psicológica suportada pelos protagonistas durante a infância, os quais são vítimas de abusos sistemáticos por parte de adultos e instituições que deveriam protegê-los. Uma cena marcante da obra de *Oliver Twist*, é quando o protagonista é agredido ao ousar pedir mais comida ao chefe do albergue e é brutalmente reprimido e enviado à reclusão: “– Por favor, pode dar-me um pouco mais, senhor? – Queria um pouco mais, por favor – respondeu Oliver. O chefe deu uma pancada na cabeça da criança com a colher do caldeirão, prendeu-lhe as mãos atrás das costas e gritou a chamar o Bedel” (Dickens, 2020, p. 13).

Nesse sentido, Oliver é imediatamente punido com violência física e psicológica<sup>2</sup> levado para o conselho da paróquia, onde os administradores decidiram castigá-lo como forma de disciplina colocando-o em uma sala fechada em reclusão e, no dia seguinte, o conselho anunciou por meio de um cartaz oferecendo uma recompensa de cinco libras a quem precisasse de um aprendiz para qualquer ofício, com a finalidade de livrar-se da criança. A partir desse contexto vivenciado por Oliver, a reação do protagonista não foi de agressividade, mas sim de forma passiva, marcada pelo silêncio, medo, submissão e obediência forçada, pois ele não compreende a gravidade da situação e não entendia o que havia feito de errado para ser tratado daquela forma. Sendo assim, Oliver representa a criança vitoriana inocente e vulnerável, vítima do sistema, sem voz, excluída e severamente punida.

Do mesmo modo, Jane Eyre sofre violência, doméstica e emocional, por parte do primo John Reed, sendo constantemente agredida e silenciada: “Ele me intimidava e punia; não duas ou três vezes por semana, nem uma ou duas vezes por dia, mas sem parar. [...] todos meus nervos o temiam” (Brontë, 2023, p. 32). Até que um dia, John agrediu Jane com mais intensidade, no entanto todos os criados, principalmente sua tia e primas acreditaram, assim como todas as outras vezes que a culpa era dela. A partir disso, ela foi submetida à punição psicológica ao ser trancada no Quarto Vermelho, um espaço de isolamento que simboliza o abandono afetivo e a tentativa de silenciamento como forma de discipliná-la. No trecho a seguir nos mostra o estado de pânico, vulnerabilidade e angústia ao ser injustamente punida pela sua tia: “Eu me senti esmagada, sufocada, e minha resistência caiu por terra. Corri à porta e sacudi a maçaneta em um esforço desesperado. [...] Ah! Eu vi uma luz e pensei que um fantasma ir aparecer” (Brontë, 2023, p. 43).

---

<sup>2</sup> Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), a violência física é o uso da força física que resulta ou tem grande probabilidade de resultar em dano físico, lesão, morte, desenvolvimento prejudicado ou deficiência. Já a violência psicológica compreende insultos, humilhações, ameaças, intimidações e outras ações que causem sofrimento emocional e comprometimento do desenvolvimento da vítima.

Posteriormente, sua tia Reed conversa com o diretor da escola o sr. Brocklehurst, a qual descreve com declarações ofensivas e fraudulentas sobre Jane Eyre. A protagonista houve toda a conversa sendo humilhada pela sua tia e cria forças para dar sua resposta:

- Eu não sou dissimulada. Se fosse, diria que *amo* a senhora, mas declaro que não a amo. Eu a odeio mais do que todos no mundo, exceto John Reed, e esse livro sobre a mentirosa a senhora pode dar à sua filha, Georgiana, pois é ela quem conta mentiras, e não eu (Brontë, 2023, p. 12).

Em contrapartida, é visível a distinção das narrativas entre os seus escritores, embora retrate o papel social da criança da época. Nesse viés, Oliver é um personagem que enfrenta a violência passivamente, sofrendo no silêncio dependendo de outros indivíduos para intervir em uma instituição pública, representado pelo autor Charles Dickens como um símbolo da vítima do sistema. Contudo, Jane reage ativamente defendendo-se com palavras e atitudes no ambiente familiar, como representação da consciência feminina em formação por Charlotte Brontë. Segundo Nitrini (2010), a literatura comparada permite justamente esse tipo de análise entre obras de diferentes contextos e autores, observando tanto as aproximações quanto as especificidades culturais, ideológicas e estéticas que moldam os personagens e suas experiências sociais. Essa perspectiva reforça a importância da literatura comparada como ferramenta crítica para compreender como contextos históricos e culturais distintos influenciam a construção de personagens. Dessa forma, a análise comparativa amplia a compreensão das narrativas e suas implicações sociais.

Os trechos mencionados acima de ambas as obras, nos mostra eventos de como o confinamento era utilizado para suprimir a individualidade da criança, sendo mais um mecanismo da violência social vitoriana. Além de refletir ambigualmente a criança como frágil e passível de punição, mas também como ser capaz de resistência e construção moral cada um à sua maneira. Como afirma Foucault (1987, p. 103), “a disciplina fabrica corpos submetidos e exercitados, corpos «dóceis». A disciplina aumenta a força do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”. Assim, pode-se entender que o confinamento infantil como parte de um processo disciplinar que anula a subjetividade da criança e impõe modelos sociais desejados, que são muitas das vezes mascarados sob discursos de moralização e correção.

Desse modo, na obra de Charles Dickens, as instituições sociais tinham um papel importante de auxiliar os adultos e as crianças menos favorecidas, entretanto as leis não eram postas em prática, por exemplo a *Workhouse*, uma instituição pública, onde os pobres eram forçados a trabalhar em troca de abrigo e alimento. Esses estabelecimentos eram muitas vezes desumanos e severos, e eram vistos como um último recurso para os mais necessitados. Na escola de *Lowood* em *Jane Eyre* de Charlotte Brontë, um internato rigoroso para meninas órfãs ou de famílias desfavorecidas, que apresentava também condições de vida extremamente difíceis. Dessa forma, a fome e a restrição eram estratégias disciplinares utilizadas por essas instituições que funcionava como formas de submissão e controle dos pequeninos. No *Workhouse*, Oliver e outras crianças recebiam porções reduzidas ao mínimo nutricional, ao ponto de fantasiarem sobre comer as paredes e uns aos outros por continuarem famintos, observe a seguir:

— À hora da refeição cada criança recebia uma tigela cheia de caldo de farinha e mais nada, salvo nos dias de festa em que havia mais duas onças

e um quarto de pão. Nunca era preciso lavar as tigelas, pois as crianças poliam-nas com as colheres até ficarem reluzentes. E, terminado este trabalho, que não ocupava muito tempo, quedavam-se a olhar para o caldeirão, parecendo ser até capazes de comer os tijolos onde estava assente. Estes infelizes comiam tão pouco que se tornaram vorazes e selvagens, ao ponto de um ameaçar, caso não lhe dessem outra tigela de caldo de farinha por dia, devorar o seu companheiro de cama durante a noite (Dickens, 2020, p. 12).

O pedido de Oliver por mais alimento é negado, o que desencadeia em punições pelo Bedel e pelo conselho do albergue, que interpretam sua solicitação como um desafio à autoridade. Essa reação evidencia não apenas a insensibilidade dos supervisores, mas também a estrutura opressora que desconsidera os requisitos fundamentais dos menores sob sua tutela. Nesse viés, esse fato demonstra que qualquer manifestação de necessidade ou autonomia é suprimida por meio de castigos o que consolida a visão desumanizadora das crianças dentro daquela realidade institucional, como é possível observarmos no trecho a seguir:

Gerou-se uma discussão acalorada, de que derivou a condenação de Oliver a ser fechado em reclusão e, no dia seguinte, um edital colocado na porta, em que se oferecia uma recompensa de cinco libras a quem desembaraçasse a paróquia do jovem Oliver Twist (Dickens, 2020, p. 13).

De forma semelhante, na escola *Lowood*, a disciplina se manifesta também através da subnutrição sistemática: “Além disso, o escasso estoque de comida era angustiante: com o apetite voraz de crianças em fase de crescimento, mal recebíamos o suficiente para manter viva uma frágil inválida” (Brontë, 2023, p. 101). E ainda que a disciplina se apresente sob um verniz moral e pedagógico, a fome afetava o comportamento das alunas, criando um ambiente de sobrevivência e competitivo por comida: “Dessa deficiência de nutrição resultava um abuso que lesava fortemente as pupilas mais novas: sempre que as garotas mais velhas famintas tinham uma oportunidade, convenciam ou ameaçavam as mais novas a dar-lhes uma parte da sua porção” (Brontë, 2023, p. 101). Em ambas as obras, podemos perceber que a privação material ultrapassa a necessidade física e se torna instrumento de submissão e castigo. Assim, Ribas (2010, p. 25) nos confirma que:

Os dois romances têm como característica comum a apresentação de cenas horríveis e extremadas, que mostram de maneira dilacerante o tipo terrível de tratamento dado às crianças pela sociedade, pelas instituições educacionais e pelos adultos que deveriam ser responsáveis por cuidar delas.

As condições precárias nas instituições sociais vitorianas são expostas em *Oliver Twist* e *Jane Eyre* não somente pela fome e repressão, mas também pelas condições que favoreciam a propagação de doenças e a mortalidade infantil. Desse modo, ambas as obras evidenciam um cenário de insalubridade, no qual a ausência de condições mínimas de higiene e cuidado contribui diretamente ao adoecimento e a morte precoce de crianças. Além disso, demonstra que a negligência das autoridades responsáveis é apresentada como parte de um sistema que naturaliza o sofrimento infantil, revelando uma estrutura social indiferente à vida das camadas mais vulneráveis. Assim, a propagação de doenças nos espaços institucionais, como o internato de *Lowood* em *Jane Eyre* e os asilos públicos mencionados na obra de

*Oliver Twist*, não são tratados como um problema de saúde coletiva, mas como um destino inevitável para os pobres marginalizados.

Essas representações literárias também operam como forma de crítica à racionalidade da assistência social da Era Vitoriana, que priorizava a contenção de gastos e a moralização da pobreza em detrimento da dignidade humana. Tanto Brontë quanto Dickens revelam como os discursos pedagógicos e filantrópicos, amplamente utilizados pelas instituições vitorianas serviam para legitimar e encobrir práticas de negligência e crueldade sistemáticas contra as crianças causando sofrimento físico e psicológico.

Por meio da sua obra Dickens ironiza a negligência no *Workhouse* ao afirmar no trecho:

Infelizmente para a filosofia experimental da velha a quem *Oliver Twist* foi confiado, o seu sistema operacional ia obtendo resultados semelhantes ao do célebre filósofo; no momento em que uma criança chegava ao ponto de poder subsistir com a mais ínfima quantidade de comida possível, acontecia que, por uma dessas fatalidades da sorte, adoecia de frio e de fome, ou caía na lareira por negligência, ou sufocava por acidente (Dickens, 2020, p. 8).

Mais tarde, o autor nos mostra o efeito mortal das epidemias, o qual Oliver adquiriu muita experiência trabalhando com o sr. Sowerberry vendendo caixões: “O sucesso da engenhosa indústria do senhor Sowerberry ultrapassou toda a expectativa. Nunca se vira o sarampo exercer as suas funestas consequências com tanta força nas crianças” (Dickens, 2020, p. 32). Dessa forma, Engels (2010 *apud* Seixas, 2024, p. 4) descreve que a classe proletariada era voltada para produção industrial no intuito de levantar lucros altos para a classe burguesa, sendo assim, devido a precárias condições de vida muitas mortes ocorriam, principalmente de crianças como podemos ver no trecho a seguir:

As estatísticas da mortalidade revelam níveis altíssimos, principalmente por causa das mortes entre as crianças pequenas da classe operária. O delicado organismo de uma criança é o que oferece a menor resistência aos efeitos deletérios de um modo de vida miserável; o abandono a que frequentemente se vê exposta quando os pais trabalham, ou quando um deles more, logo faz sentir seu impacto – e, portanto, não pode ser razão de espanto se, por exemplo, em Manchester, conforme um relatório que já citamos, mais de 57% dos filhos de operários morrem antes de completar 5 anos, ao passo que essa taxa é de 20% para os filhos das classes mais altas e, nas zonas rurais, a média é de 32%.

[...]Para além das várias doenças aqui mencionadas, que são a consequência necessária dos modernos abandono e opressão padecidos pela classe pobre, outros fatores contribuem para aumentar a mortalidade entre as crianças pequenas.

Nesse contexto, a análise de Engels (2010 *apud* Seixas, 2024, p. 4) contribui significativamente para a compreensão sobre as consequências sociais da industrialização, ao evidenciar os alarmantes índices de mortalidade infantil entre os filhos da classe operária. Os dados apresentados não apenas denunciam a precariedade das condições de vida, mas também revelam a omissão estrutural diante da vulnerabilidade infantil. O autor ressalta que o organismo infantil, mais sensível às adversidades, era particularmente impactado pela pobreza, agravada pela carência de cuidados parentais, alimentação insuficiente e ausência de assistência médica, resultando em perdas precoces e generalizadas.

De forma crítica, Brontë também evidencia o período que as doenças epidêmicas que estavam se propagando em meio a ausência de saneamento básico e desinformação da população representando na cena do diretor da escola de *Lowood*, o qual estava preocupado em combater a tuberculose em vez da febre tifóide<sup>3</sup>, a qual atingia toda a escola, observemos o trecho a seguir sobre essa epidemia: “Muitas, já infectadas, voltaram para casa só para morrer. Algumas faleceram na escola e foram enterradas com rapidez e sem alarde, a natureza da doença proibindo atrasos” (Brontë, 2023, p. 127). E o sensível lirismo, Brontë descreve:

Enquanto a doença se tornara, assim, uma habitante de *Lowood*, e a morte, uma visitante frequente, enquanto havia melancolia e medo dentro de seus muros, [...] todos esses tesouros fragrantos eram inúteis para a maioria das residentes de *Lowood*, exceto por fornecer vez ou outra um punhado de ervas e flores para enfeitar um caixão (Brontë, 2023, p. 128).

As obras evidenciam que as instituições longe de protegerem a infância, frequentemente reproduziam o descaso tratando a morte como uma rotina aceitável.

O controle institucional sobre os corpos infantis nas duas produções literárias revela de forma explícita as práticas relacionadas à doença, ao vestuário e à disciplina. Em *Oliver*, crianças doentes eram tratadas com indiferença e paliativos como podemos ver nas palavras da Sr Mann: “Por vezes sou obrigada a ter qualquer coisa em casa para dar às criancinhas, quando estão doentes, misturada com o sedativo” (Dickens, 2020, p. 9). Além disso, nas palavras do narrador é descrito como o abrigo eram como um espaço onde se “rebolavam no chão durante todo o dia, sem correrem o risco de serem incomodados pelo excesso de alimentação ou sufocados pela roupa” (Dickens, 2020, p. 7) o que mostra de forma irônica a negligência da instituição, a qual mascara uma falsa filantropia e traduzida em roupas miseráveis, alimentação escassa e ausência de formação, ou seja *Oliver* é rotulado, mas não educado.

Já em *Jane Eyre*, o rigor moral se traduzia na padronização visual e controle dos corpos: “Todas usavam o mesmo vestido marrom de lã antiquado e longos aventais de linho” (Brontë, 2023, p. 81), e o corte de cabelo era imposto pelo Sr. Brocklehurst que deveriam ter o cabelo liso para expressar humildade, pois os outros formatos eram símbolos de vaidade, o que ocultava sua verdadeira identidade e as reprimiam:

- O cabelo de Julia é naturalmente cacheado- respondeu a srta. Temple, em uma voz ainda mais baixa. -Naturalmente! Sim, mas não devemos nos resignar à natureza: desejo que essas garotas sejam filhas da Graça. E por que tanta abundância? Já intimei diversas vezes que desejo que o cabelo delas seja penteado rente à cabeça, com modéstia e simplicidade. Srta. Temple, o cabelo daquela garota deve ser inteiramente cortado. [...] Ele perscrutou o inverso desses medalhões vivos por cerca de cinco minutos, e então pronunciou seu julgamento. As seguintes palavras caíram como uma sentença de morte: -Todas as tranças devem ser cortadas (Brontë, 2023, p. 106).

A uniformização corporal e estética pretendia apagar qualquer traço de vaidade ou distinção entre as meninas, reforçando o ideal de submissão cristã

<sup>3</sup> Segundo Porter (1999), a febre tifoide era uma das doenças mais comuns e letais na Inglaterra do século XIX, associada à contaminação da água e à precariedade sanitária das instituições públicas, como orfanatos e internatos.

defendido pela administração da escola. Embora *Lowood* oferecesse algum acesso à educação formal, tanto ela quanto o *Workhouse* funcionavam como dispositivos de regulação e disciplina.

Outro aspecto relevante é a forma como a resiliência e crítica social se manifestam na construção dos personagens infantis. Tanto *Oliver Twist* quanto *Jane Eyre* retratam protagonistas que sofrem julgamentos morais e institucionais injustos, sendo rotulados por ações que não cometeram ou por recusarem a submeter-se às ordens de figuras autoritárias. Oliver, mesmo inocente, é perseguido e preso injustamente após o roubo do lenço cometido por outros: “Ah, sim! Claro que estão – retorquiu o polícia com ar de troça” (Dickens, 2020, p. 58). Mesmo implorando que acreditassem nele, continuaram dizendo que ele era o culpado e que deveria ser preso, até que no último momento é libertado pelo Sr. Brownlow, o qual relatava em seu testemunho sua inocência, a partir disso nos reforça a visão de que as crianças pobres ou órfãs não eram dignas de atenção ou confiança.

Posteriormente, Oliver também sofre coerção psicológica e moral dentro da gangue de Fagin, sendo pressionado a aceitar uma vida criminosa: “Não foste educado convenientemente [...] Fagin fará qualquer coisa de ti [...] e seria melhor começares já o trabalho, pois esse será o teu futuro, não tenhas dúvida” (Dickens, 2020, p. 110-111). E Oliver diz que gostaria de ir embora que não seria um criminoso tentando fugir daquela situação, resistindo com firmeza e mantendo sua integridade.

Em *Jane Eyre*, uma situação semelhante ocorre quando Mr. Brocklehurst a humilha diante de toda a escola:

[...] é meu dever informá-las de que esta garota, que poderia ser um dos cordeiros de Deus, é uma pequena réproba: não um membro do verdadeiro rebanho, mas evidentemente um intrusa e forasteira. Vocês devem manter-se alertas contra ela; devem rejeitar o exemplo dela; se necessário, evitem sua companhia, excluam-na de seus exercícios e a afastem de suas conversas. Professoras, vocês devem vigiá-la: fiquem de olho nos movimentos dela, avaliem bem suas palavras, perscrutem suas ações, castiguem o corpo dela para salvar a sua alma (Brontë, 2023, p. 109).

Jane, porém, suporta em silêncio, mas se recusa a se curvar ao julgamento injusto, ganhando o apoio posterior de figuras como Miss Temple. Tanto Oliver quanto Jane mostram que, mesmo diante de julgamentos opressivos, há espaço para resistência moral. Essa resistência revela não apenas a integridade dos personagens, mas também uma crítica às instituições sociais que os reprime. Sob a perspectiva da literatura comparada, é possível perceber como o contraste entre as experiências dos personagens enriquece a compreensão dos valores morais e das estruturas sociais da época. Nesse sentido, como afirma Tania Carvalhal (2006), como podemos observar no trecho a seguir:

pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (Carvalhal, 2006, p. 8).

A partir desse olhar comparativo, torna-se possível evidenciar como ambos os protagonistas, embora em narrativas distintas, denunciam as injustiças de seus contextos sociais e reafirmam a possibilidade de resistência mesmo na infância, revelando que a construção da subjetividade infantil, ainda que marcada por dor e

abandono, pode também ser atravessada por coragem, dignidade e desejo de transformação social.

De forma sucinta, foi possível analisarmos que a trajetória de *Oliver Twist* e *Jane Eyre* é marcada por experiências de abandono, pobreza e opressão, mas ambos os personagens demonstram uma resiliência notável diante das adversidades impostas pelas instituições e figuras de autoridade. Oliver, desde o nascimento, é vítima da negligência social e da violência institucional, sendo enviado ao *Workhouse*, punido por pedir comida e, posteriormente, coagido por Fagin e sua gangue a se tornar criminoso. Ainda assim, ele mantém sua integridade moral, recusando-se a cometer crimes e demonstrando um senso de justiça e pureza que não é corrompido, mesmo nos ambientes mais hostis. Ao longo da narrativa, sua salvação depende da intervenção de figuras como Mr. Brownlow, representando a possibilidade de redenção social através da sua compaixão. Jane Eyre, por sua vez, enfrenta rejeição familiar, violência emocional e julgamentos morais desde a infância, mas se destaca por sua postura racional e por sua afirmação pessoal diante da injustiça.

Além disso, ao contrário de Oliver, ela não espera ser salva, pois conquista sua independência por meio da educação, do trabalho e da autonomia emocional. As semelhanças entre os dois personagens estão na força interior com que enfrentam a opressão, mas diferem na forma como constroem suas trajetórias: Oliver é passivo e protegido por outros; Jane é ativa e constrói sua própria libertação. Ambos simbolizam, dentro da literatura vitoriana, a crítica às estruturas que oprimem a infância e a afirmação de que a dignidade pode ser mantida mesmo nas condições mais adversas.

## 7 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo principal realizar uma análise comparativa das representações da infância na Era Vitoriana presentes nas obras de *Oliver Twist* (1994), de Charles Dickens, e *Jane Eyre* (2023), de Charlotte Brontë. A pesquisa considerou aspectos essenciais como o abandono, a violência, as instituições sociais e a resiliência infantil. Com base nos resultados obtidos durante o desenvolvimento da investigação, foi possível constatar que o objetivo proposto foi atingido, ao evidenciar como ambos os autores utilizam personagens infantis para denunciar injustiças sociais e desafiar a visão tradicional da criança como sujeito passivo.

No que diz respeito aos principais resultados relativos à representação da infância, destacam-se as diferenças entre o abandono físico experimentado por Oliver, um órfão submetido à repressão institucional como o albergue e a *Workhouse*, e o abandono emocional enfrentado por Jane. Apesar de viver com seus familiares, Jane é negligenciada emocionalmente e punida por figuras de autoridade como Mr. Brocklehurst. Enquanto Oliver sofre com a desumanização do sistema de assistência, sendo tratado como um mero número dentro de uma estrutura fria e impessoal, Jane vivencia uma violência mais subjetiva, marcada por humilhações, silenciamentos e exclusões tanto no ambiente doméstico quanto escolar.

Por outro lado, evidencia-se uma notável similitude na resistência moral demonstrada por ambos os personagens frente à opressão. Oliver, mesmo submetido a maus-tratos físicos e ameaças constantes, preserva sua integridade e recusa-se a trilhar o caminho do crime; já Jane, desde a infância revela uma

consciência crítica nata, enfrentando seus opressores e afirmando sua autonomia de forma firme. No que diz respeito às instituições sociais e ao controle disciplinar, ambas as obras ilustram ambientes coercitivos: Oliver é vigiado e punido por figuras de autoridade, como Mr. Bumble e os conselheiros da paróquia; enquanto Jane enfrenta figuras hierárquicas que disfarçam seu autoritarismo sob discursos religiosos.

Sob a perspectiva da literatura comparada, observa-se que Dickens e Brontë, embora construam protagonistas com experiências distintas, utilizam a infância como ferramenta de crítica social e moral, revelando as falhas das instituições vitorianas e dando voz a personagens infantis, frequentemente silenciados nas narrativas tradicionais. Dessa forma, as semelhanças entre as obras concentram-se na representação da criança como sujeito ético e resistente, enquanto as diferenças residem na maneira como o abandono, a disciplina e o processo de superação se manifestam em diferentes contextos sociais e familiares, enriquecendo a compreensão das suas abordagens.

Como uma contribuição social, os resultados deste estudo proporcionam uma oportunidade para refletirmos sobre a evolução histórica da infância na literatura, especialmente em relação com as práticas disciplinares e o papel desempenhado pelas instituições sociais. Essa análise contribui para uma compreensão mais aprofundada e crítica das origens da exclusão e do controle exercido sobre as crianças nos ambientes educacionais e familiares. Além disso, é importante reconhecer as limitações deste trabalho, como a análise restrita a trechos específicos das obras, o que impediu uma exploração mais abrangente da trajetória completa dos personagens. Outra questão a ser considerada foi a ausência de um estudo intertextual com outras obras vitorianas que também abordam a infância, o que certamente poderia oferecer uma perspectiva ainda mais rica e comparativa.

Por fim, recomenda-se a realização de investigações acerca da representação da infância em outras obras literárias do século XIX, assim como estudos que vinculam essas representações aos discursos educacionais e sociais da época. Tais estudos tornam-se essenciais para compreender de que modo essas visões persistem ou se transformam na literatura infantojuvenil contemporânea, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do impacto dessas representações ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Rio de Janeiro: Autofágica, 2023.

BONFIGLI, F. Vigiar e punir. Nascimento da prisão. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade - REDES**, v. 4, n. 2, 16 nov. 2016.

CAMERON, Julia Margaret. **Madonna with Children**. 1864. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/50906>

CARVALHAL, Tania Franco, 1943- **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. London: Penguin Books, 1994.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Tradução: Amigos do Livro Editores, Lda. Revisão: Idalina Morgado. Edição e-book. Lisboa: Edições Saída de Emergência, 2020.

ELANO, Edith Estelle Owono; SANTOS, Sarah da Cunha. **Protagonistas órfãs: a representação da infância em Oliver Twist, de Charles Dickens**. Editora realize, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/6105> Acesso em: 7 maio de 2024.

ENGLANDER, David. **Poverty and Poor Law Reform in 19th Century Britain, 1834–1914: From Chadwick to Booth**. London: Longman, 1998.

FRITSCH, Valter Henrique de Castro; MAGGIO, Sandra Sirangelo. **Apresentação: o período vitoriano: rastros históricos e literários (à guisa de apresentação)**. Organon, Porto Alegre, v. 33, n. 65, p. 4, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/88814> Acesso em: 7 maio 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo Atlas, 2002.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise: linguagem e consciência**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOURA, T. B. de ., Viana, F. T., & Loyola, V. D.. (2013). **Uma análise de concepções sobre a criança e a inserção da infância no consumismo**. Psicologia: Ciência E Profissão, 33(2), 474–489. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200016>

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra**: OMS, 2002. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201706/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf> Acesso em: 15 maio 2025.

PORTER, Roy. **The greatest benefit to mankind: a medical history of humanity from antiquity to the present**. London: HarperCollins, 1999.

RIBAS, Marcos Maciel. **Entendendo o sistema educacional vitoriano: realidade e ficção em Jane Eyre e Oliver Twist**. Porto Alegre, 2010.

RUELA DE SEIXAS, Maria Victória. **Crianças na Era Vitoriana: uma análise da infância a partir de Oliver Twist e Um Conto de Natal, de Charles Dickens**. Letrônica, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e46120, 2024. DOI: 10.15448/1984-4301.2024.1.46120. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/46120> Acesso em: 11 maio. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “Sociologia da Infância: Correntes e Confluências”, in Sarmento, Manuel Jacinto e Gouvêa, Maria Cristina Soares de (org.) (2008).

**Estudos da Infância:** educação e práticas sociais. Petrópolis. Vozes (17-39), 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais.** Revista O Social em Questão. Revista da PUC-Rio de Janeiro, XX, nº21 (15-30), 2009.

VOZMEDIANO, E. **Julia Margaret Cameron, techo de cristal.** Disponível em:

[https://www.elespanol.com/el-cultural/arte/exposiciones/20160318/julia-margaret-cameron-techo-cristal/110489347\\_0.html](https://www.elespanol.com/el-cultural/arte/exposiciones/20160318/julia-margaret-cameron-techo-cristal/110489347_0.html) Acesso em: 6 abr. 2025.